



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA-UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADA-CCSA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO**

**JOÃO PAULO FERREIRA CARDOSO
MILENA EVELIN DE SIQUEIRA**

**NÃO SÃO APENAS NÚMEROS:
RELATÓRIO FINAL DE DOCUMENTÁRIO**

CAMPINA GRANDE -PB

2023

**JOÃO PAULO FERREIRA CARDOSO
MILENA EVELIN DE SIQUEIRA**

**NÃO SÃO APENAS NÚMEROS:
RELATÓRIO FINAL DE DOCUMENTÁRIO**

Relatório Técnico de documentário audiovisual apresentado como requisito parcial para obtenção do diploma de Graduação em Jornalismo.

Modalidade do TCC: Produto midiático

Orientadora: Prof^a Dr^a. Cássia Lobão Assis

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C268n Cardoso, Joao Paulo Ferreira.
Não são apenas números: relatório final de documentário.
[manuscrito] / Joao Paulo Ferreira Cardoso , Milena Evelin de
Siqueira. - 2023.
28 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Sociais Aplicadas, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Cássia Lobão Assis ,
Coordenação do Curso de Jornalismo. "

1. Documentário audiovisual. 2. CPI do Femicídio da
Paraíba. 3. Pryscilla Mendonça. 4. Michele Veloso. I. Título

21. ed. CDD 305.4

JOÃO PAULO FERREIRA CARDOSO
MILENA EVELIN DE SIQUEIRA

NÃO SÃO APENAS NÚMEROS:
RELATÓRIO FINAL DE DOCUMENTÁRIO

Relatório técnico de documentário audiovisual apresentado como requisito parcial para obtenção do diploma de graduação em jornalismo.
Modalidade do TCC: Produto Midiático

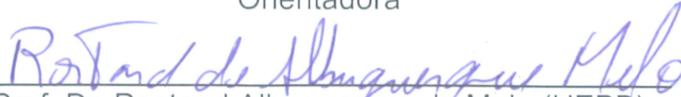
Orientadora: Prof^a Dr^a. Cássia Lobão Assis

Aprovada em: 19/06/2023.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Cássia Lobão Assis (UEPB)
Orientadora



Prof. Dr. Rostand Albuquerque de Melo (UEPB)
1º Examinador



Prof. Ms. Hipólito de Sousa Lucena (UEPB)
2º Examinador

AGRADECIMENTOS

Ao nosso Deus, pela nossa vida, e por ele nos ajudar a ultrapassar todos os obstáculos durante a nossa graduação no curso de jornalismo.

Aos nossos professores pelas correções e ensinamentos que nos permitiram apresentar um melhor desempenho ao nosso processo profissional.

À CPI - Comissão parlamentar de inquérito de feminicídio da Paraíba, que nos disponibilizou o relatório completo para a produção do documentário.

À deputada Cida Ramos, que desde o primeiro contato foi atenciosa com a nossa equipe.

Aos familiares das vítimas que participaram do documentário.

A nossa orientadora Cássia Lobão Assis, pela constante ajuda e orientação neste trabalho, e contribuição fundamental na nossa formação.

E, por fim, a todos que de alguma forma contribuíram nesse processo de formação acadêmica.

RESUMO

O presente trabalho é um relatório do documentário audiovisual “NÃO SÃO APENAS NÚMEROS”, que teve sua produção nas cidades de Campina Grande, João Pessoa e Queimadas, no qual acompanhamos o sofrimento de familiares que perderam seus entes queridos para um crime tão hediondo como o feminicídio. Toda a produção foi baseada no relatório da CPI do feminicídio da PB, e nas histórias de Pryscilla Mendonça e Michele Veloso, em que entrevistamos seus parentes, Josué Ferreira Mendonça de Neto e Maria da Guia Silva Sena . Também levantamos a temática do feminicídio com o depoimento da assessora da CPI Raphaela Ramalho. Para a execução do trabalho tivemos três dias de gravações de imagens e áudios e o filme resultou em um curta metragem de aproximadamente de 11 minutos.

PALAVRAS-CHAVE: Documentário audiovisual; CPI do Feminicídio da Paraíba; Pryscilla Mendonça; Michele Veloso

ABSTRACT

The present work is a report of the audiovisual documentary "NOT JUST NUMBERS", which was produced in the cities of Campina Grande, João Pessoa and Queimadas, in which we followed the suffering of family members who lost their loved ones to such a heinous crime as femicide. The whole production was based on the report of the CPI of femicide in PB, and on the stories of Priscilla Mendonça and Michele Veloso, in which we interviewed their relatives, Josué Ferreira Mendonça de Neto and Maria da Guia Silva Sena . We also raised the issue of femicide with the testimony of CPI advisor Raphaela Ramalho. For the execution of the work we had three days of recording images and audio and the film resulted in a short film of approximately 11 minutes.

Keyword: Audiovisual documentary; CPI of Femicide in Paraíba; Priscilla Mendonça; Michele Veloso

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 OBJETIVO GERAL.....	11
2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	11
3 DETALHAMENTO TÉCNICO.....	13
4 PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO.....	18
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
6 REFERÊNCIAS.....	23
7 ANEXOS.....	24

1 INTRODUÇÃO

Um relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) do Femicídio da Paraíba, observou que, entre os anos de 2018 até 2020, os municípios de Campina Grande e João Pessoa tiveram os maiores índices de vítimas de feminicídio de todo o Estado da Paraíba, sendo 23 e 16 casos. Respectivamente, somando os dados dessas cidades, atrelados aos municípios de Patos, Santa Rita e Sousa, o aumento foi de 33, 5% dos crimes de feminicídio. Já os dados em um contexto geral, somando todas as cidades paraibanas, revelam que houve um aumento de 36,4% nos números de mortes de mulheres. Ao todo, foram 176 crimes reportados entre 2015 e 2020.

Um dado relevante também foi exposto pela Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) do Femicídio da Paraíba: em 47 % dos casos de assassinatos de mulheres, foram utilizadas armas brancas, como facas, facão e canivete. Muitas vezes, os cônjuges são motivados por ciúmes, sentimento de posse, ou até mesmo por não aceitar o fim do relacionamento.

As estatísticas alarmantes e a percepção popular indicam que a violência contra mulher deve possuir um tratamento jurídico diferenciado por se tratar de crime eivado por violência institucional. Não é a toa que a orientação do Supremo Tribunal Federal é tratar o crime de violência doméstica e familiar contra a mulher como crime de natureza pública e incondicional, do qual não depende da representação da vítima. O feminicídio é o último degrau na chamada escalada da violência, que precede à ridicularização, ao controle e ao isolamento, à ameaça e à violência física. O ciclo da violência e o 'silêncio' da vítima podem ser fatores decisivos para a morte (LOUREIRO, 2017, p.200).

Também foi relatado um aumento de 64 ,6% nos pedidos de medidas protetivas, no qual passou de 3910 para 6438, um número bastante preocupante em relação aos possíveis novos casos de feminicídios. A CPI também registrou que todos os dados foram encaminhados pelo Tribunal de Justiça da Paraíba, mas o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2021, informou que houve um aumento de 287%, de novos pedidos, contabilizando 11.239 medidas protetivas.

Esse aumento se dá pelo fato de muitas mulheres sofrerem com a violência doméstica e não aguentarem mais os abusos sexuais, xingamentos, socos, tapas e outros tipos de violências. Muitas delas acabam entrando para as péssimas estatísticas pelo simples fato de seus ex-companheiros não aceitarem o

distanciamento, e acaba tirando o direito à vida de muitas delas, na qual o ato do feminicídio é consumado.

As dificuldades de apreensão e inteligibilidade dos sentidos e amplitude da desigualdade de gênero pelos agentes estatais e nas práticas estatais torna os aparelhos institucionais negligentes no que se refere a perceber, por exemplo, que um caso de morte violenta de mulher guarda características de feminicídio. Além disso, mesmo quando seus agentes estatais são provocados a atuar na averiguação dos crimes, proteção de vítimas (as sobreviventes) e punição de agressores, acabam por reiterar discursos fomentadores das violências de gênero quando “justificam” o comportamento feminicida no comportamento do outro, ou seja, da outra, a mulher. Não bastasse os desafios de tornar reconhecível a relação entre desigualdade de gênero e violência letal, a imperícia dos mecanismos administrativos e jurisdicionais de registro das mortes violentas de mulheres corroboram com a invisibilidade dos casos. Em suma, a pouca interferência do aparato de justiça – ou a imprópria interferência – torna propícia a repetição de agressões e o extremo da morte de mulheres (OLIVEIRA, 2019, p.17).

Segundo Oliveira (2019), a desigualdade de gênero e a vulnerabilidade das mortes violentas faz com que muitos casos se tornem fatos banalizados pelo sistema de segurança, e é comum vermos comentários como “não são tantos casos assim” ou, até mesmo, “isso acontece todo dia”. Muitas dessas mortes são principalmente nos ambientes domésticos, em que os agressores aproveitam que as vítimas dormem para cometer os assassinatos.

Muitas mulheres paraibanas vivem com seus agressores dentro de suas casas e em silêncio, no qual é mantido um ciclo de violência doméstica. Esse ciclo, estudado e sistematizado pela socióloga norte-americana, Lenore Walker, no ano de 1979, serve para identificar padrões de relacionamentos abusivos. Muitas vezes, esse ciclo passa por algumas fases que são bastante prejudiciais para as vítimas, podendo assim contribuir para o aumento dos casos de feminicídios.

Um dos grandes problemas é a interseccionalidade de raça e gênero no espaço da violência de gênero, considerado um dos fatores determinantes nas principais causas das mortes de mulheres. Ou seja, mulheres negras são as mais afetadas pela violência doméstica.

Além disso, muitos agressores aproveitam que vivem em áreas rurais, onde a segurança é precária e a polícia não chega no local facilmente. De acordo com a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) do Feminicídio da Paraíba, nos anos de 2015 até 2020, os crimes em áreas rurais aumentaram em todo o estado, contabilizando 25% dos assassinatos de mulheres.

Em vista disso, a nossa proposta audiovisual busca divulgar os casos de feminicídio na Paraíba, considerando o trabalho minucioso que foi feito pela CPI do feminicídio. A narrativa é baseada em dois casos de feminicídio que ocorreram nas cidades de João Pessoa e Queimadas. Na produção, acompanhamos as histórias de cada personagem e pudemos ver o sentimento de injustiça no olhar de cada familiar que perdeu seus entes queridos. Para a abordagem dessa questão, utilizamos a narrativa nos moldes do gênero documentário.

O documentário ocupa uma posição ambígua e polêmica na história, teoria e crítica do cinema. Se, por um lado, recorre a procedimentos próprios desse meio- escolha de planos, preocupações estéticas de enquadramento, iluminação, montagem, separação das fases de pré-produção, produção, pós-produção, etc, por outro, procura manter uma relação de grande proximidade com a realidade, respeitando um determinado conjunto de convenções: registro in loco, não direção de atores, uso de cenários naturais, imagens de arquivo etc. Vale salientar que embora o segundo conjunto de convenções acima referido represente recursos característicos do documentário, garantindo autenticidade ao que é representado, não lhe é exclusivo ou imprescindível. (MELO, 2002, p.25).

O documentário adotou o formato expositivo. Esse modo de filme, segundo Nichols (2005), pressupõe o uso da *voz off* ou *voz over*, além da ênfase ao protagonismo das personagens envolvidas. Em seu livro, introdução ao documentário, Nichols revela que, no modo expositivo, a montagem serve menos para estabelecer um ritmo ou padrão formal, como no modo poético e para ele, no documentário expositivo, o cineasta tem mais liberdade na seleção e nos arranjos das imagens.

A proposta do filme foi debater o tema do feminicídio no estado da Paraíba. Pegamos os relatos da assessora da CPI, Raphaela Ramalho, que nos explicou como foi o trabalho da comissão parlamentar. Ouvimos também relatos de familiares das vítimas e um depoimento da delegada de polícia Karine Vasconcelos sobre a lei do feminicídio. No documentário acompanhamos relatos sobre o fim trágico de Priscilla Mendonça e Michele Veloso, ambas vítimas de feminicídio.

Dentro da produção, usamos o recurso da *voz em off* para estabelecer a mediação entre as falas dos entrevistados, além do uso de imagens de arquivo, e outras demandas imagéticas e sonoras para o registro do que planejamos no roteiro preliminar de gravações.

Justificamos essa modalidade de TCC, a partir dos nossos conhecimentos em

software de edição de vídeo e imagens e outras ferramentas que são ligadas a pré-produção, produção e pós-produção audiovisual, que adquirimos ao longo do curso de jornalismo. Também vale salientar que o componente curricular Documentário audiovisual foi essencial para a escolha dessa modalidade de trabalho.

Objetivo geral

Documentar relatos e entrevistas de familiares de vítimas e especialistas no assunto do feminicídio. E trazer dados da CPI de Feminicídio da Paraíba para expandir a divulgação sobre o tema.

Objetivos específicos

1. Elaborar um documentário audiovisual sobre feminicídio na Paraíba;
2. Sistematizar notícias e materiais adquiridos para complementar o documentário;
3. Entrevistar e relatar o drama das famílias com a perda das vítimas;
4. Entrar em contato com a CPI de feminicídio e com uma delegada responsável pelo departamento de crimes contra mulheres;
5. Realizar um curta metragem no gênero documentário, de modo que configure o arremate de nossa formação em jornalismo;

A ideia começou a ser formulada em 2021, quando iniciamos as aulas da disciplina de Jornalismo de Dados ministrada pela professora Adriana Alves. Na ocasião, para obtenção das notas de avaliação do componente curricular, a professora Adriana nos sugeriu e impulsionou na criação de uma página na web onde pudéssemos escolher uma temática e realizar uma pesquisa de dados bem detalhada sobre. Escolhemos falar sobre "A situação da violência doméstica", formamos uma equipe com João Cardoso, Milena Siqueira e Clara Madruga e avançamos no conhecimento do assunto.

Ao decorrer da pesquisa e a elaboração do site, descobrimos a CPI de feminicídio em nosso estado, fato que consolidou nosso envolvimento com o assunto.

Desde então, foi ganhando força nossa intenção de elaborar um documentário sobre feminicídio para o TCC. Inicialmente a equipe contou também com o colega Gabriel Queiroz, mas Gabriel se encaminhou para a produção de um outro documentário, de modo que ficamos então em dupla: João Cardoso e Milena Siqueira.

2 DETALHAMENTO TÉCNICO

“NÃO SÃO APENAS NÚMEROS” é um curta metragem do gênero documentário cinematográfico com duração de dez minutos e cinquenta e quatro segundos. A temática do filme gira em torno do feminicídio, em que levantamos dois casos que ocorreram nas cidades de João Pessoa e Queimadas. A primeira vítima evidenciada a partir do depoimento de um familiar é Pryscilla Mendonça, de 35 anos, que foi assassinada a tiros pelo companheiro, em 2016, em João Pessoa. Segundo seu irmão Josué Neto, ela estava casada com o acusado há 11 anos e a família nunca tomou conhecimento do histórico de agressões na vida do casal.

A segunda história se passa na cidade de Queimadas, em que a tia de Michele Veloso, Maria Sena, detalhou o trauma provocado pela morte violenta de sua sobrinha. Ela relatou que Michele tinha 19 anos e foi assassinada pelo ex-namorado. De acordo com Maria, no dia do crime, ele a chamou muito e ela não saiu de casa. Até que a vítima decidiu ir até o portão, supondo que ele buscava conversar sobre a gravidez. Mas, ele não conversou nada e matou Michelle a sangue frio.

Para ressaltar a temática que abordamos, entrevistamos a assessora da CPI do feminicídio da Paraíba, Raphaela Ramalho, que explicou como foi feito o trabalho pela comissão parlamentar. A nossa equipe tentou entrevistar a deputada estadual Cida Ramos, para falarmos sobre o relatório, só que em razão da sua agenda após as eleições estaduais não foi possível o contato com a parlamentar. No dia que estávamos disponíveis para gravar com Cida a mesma estaria em Brasília participando de uma reunião. Além disso, a assessora falou do papel da Polícia na CPI. E para ouvirmos uma profissional da área entrevistamos a delegada Karine Vasconcelos, da delegacia da mulher de Campina Grande, que nos explicou como foi a chegada da Lei do feminicídio no contexto da Segurança Pública.

O início do filme baseia-se em uma *bricolage* de áudios gravados pela PM e notícias de telejornais sobre mortes trágicas resultantes de crimes tipificados como feminicídio. Os áudios estão disponíveis na internet, divulgados pela Polícia Militar do estado de Santa Catarina, como forma de demonstrar a rotina de ocorrências e as notícias utilizadas foram dos casos de feminicídio, disponíveis a partir dos programas jornalísticos paraibanos. Os áudios foram capturados a partir do Youtube,

legendados a partir do aplicativo "*Caption for talking videos*".

Além dos depoimentos, o filme faz uma explanação acerca da “Lei do feminicídio”, e, para uma melhor explicação, utilizamos Infográficos que foram feitos no aplicativo *Canva*. Também usamos imagens da solenidade da lei sancionada pela presidente Dilma Rousseff.

Os infográficos são recursos inovadores e estão sendo utilizados sistematicamente por profissionais das áreas de design, informação e comunicação. Os jornais, por exemplo, costumam usá-los para sintetizar informações sobre como ocorreu determinado fato e quais suas consequências; como também para explicar, por meio de ilustrações, diagramas e textos, fatos que o texto ou a foto não consegue detalhar com a mesma eficiência. O uso de infográficos na área de design e informação é constante como, por exemplo, na comemoração dos 400 anos de morte de Shakespeare, quando leitores do Jornal O Globo selecionaram falas de personagens de Shakespeare para apresentação de temas abordados por esses personagens. Portanto, a produção e o uso de infográficos na comunicação são recorrentes, demandando a representação e a organização da informação e do conhecimento, contidos nesse gênero discursivo, como processo importante para a sua recuperação, em unidades de informação. (FERREIRA, 2016, p.13).

Todas as cenas foram gravadas em ambientes internos, dentro das casas dos entrevistados e na delegacia da mulher, em Campina Grande. As imagens da assessora da CPI, Raphaela Ramalho, foram gravadas e enviadas por ela, em razão da mesma estar fazendo um doutorado em Manchester. E como a equipe não poderia entrevistá-la pessoalmente, solicitamos as imagens através do e-mail.

Nas entrevistas com os familiares, as imagens foram captadas também em um plano mais geral, porém no processo de edição, optamos pelos planos mais fechados, para captar as expressões faciais, as emoções de cada entrevista.

Para um reforço acerca da relevância deste gênero documentário, no contexto da sociedade contemporânea, onde se faz necessária a visibilidade de tantas pautas emergentes, acreditamos que;

Os documentários não adotam um conjunto fixo de técnicas, não tratam de apenas um conjunto de questões, não apresentam apenas um conjunto de formas ou estilos. Nem todos os documentários exibem um conjunto único de características comuns. A prática do documentário é uma arena onde as coisas mudam. Abordagens alternativas são constantemente testadas e, em seguida, adotadas por outros cineastas ou abandonadas. Existe contestação. Sobressaem-se obras prototípicas, que outras emulam sem jamais serem capazes de copiar ou imitar completamente. Aparecem casos exemplares, que desafiam as convenções e definem os limites da prática do documentário. Eles expandem e, às vezes, alteram esses limites. Mais do que proclamar uma definição que estabeleça de uma vez por todas o que é e o que não é documentário, precisamos examinar os modelos e protótipos, os casos exemplares e as inovações, como sinais nessa imensa arena em que atua e evolui o documentário (NICHOLS, 2005, p.48).

Toda a pesquisa se deu através do relatório que foi disponibilizado pela assessora da CPI Raphaela Ramalho, que, além de ser uma fonte, estabeleceu a mediação para a realização das demais entrevistas. Além do agendamento das gravações dos depoimentos, conversamos prévia e minuciosamente com as fontes; fizemos a seleção do material de arquivo e a visita prévia aos locais de gravação, de modo a reconhecer previamente condições de som e iluminação para a captação do filme propriamente dito. Todas essas etapas foram realizadas em dezembro de 2022, Ou seja, seguimos as recomendações de autores que sistematizam todo esse processo de um documentário audiovisual:

Seguindo estas quatro etapas, o documentarista deverá ler tudo aquilo que for possível, dentro dos limites de tempo disponíveis para a produção, referente ao assunto escolhido; fazer um exaustivo levantamento de material de arquivo, entre fotos, filmes e arquivos sonoros, buscando garantir permissão para uso no filme; fazer pré-entrevistas com todas as pessoas que possam estar envolvidas com o tema; além de visitar os locais de filmagem para se familiarizar com o espaço físico e com as pessoas que os habitam. Muitas dessas fontes já podem ter sido levantadas e identificadas na primeira etapa de pesquisa. Cabe ao documentarista aprofundar seu conhecimento sobre o assunto se certificando da quantidade e qualidade de matéria visual e textual disponível para o filme, além da real viabilidade de todas as possíveis locações. (Nunca é demais lembrar que existem exceções à regra no que concerne às estratégias de produção e organização do documentário, como já foi dito no início deste capítulo, tudo vai depender muito do assunto e do estilo de abordagem (PUCCINI, 2007, p. 85).

Mesmo estando com o roteiro todo pré definido para gravação, vivenciamos alguns percalços, em alguns momentos tivemos que reajustar o cronograma, conforme as conveniências de horários dos entrevistados. Sempre que a gente marcava um dia, o entrevistado não podia gravar. Também tivemos problemas com a questão de locomoção até as cidades, sempre que estava certo para irmos, o carro quebrava. Além disso, tivemos que fazer algumas mudanças em relação ao primeiro roteiro após uma conversa com nossa orientadora.

Na produção audiovisual, o roteiro tem a função de organizar as cenas de um filme em sequências e construir o discurso. Assim como na pauta jornalística, o roteiro está ligado à linguagem audiovisual.

Outra peculiaridade do filme documentário, quanto a seu trabalho de roteirização, se liga ao fato de muitos documentários serem “resolvidos” em sua fase de pós-produção. Aqui a referência imediata recai mais sobre os filmes que se apegam ao estilo do documentário direto. Nessa etapa, de pós-produção do filme, faz-se necessária a escrita de um roteiro que oriente a montagem, um

roteiro de edição. Esse roteiro será resultado de um trabalho de decupagem do material bruto de filmagem e terá sua função voltada não mais para orientar diretor, atores ou produtor, mas unicamente o montador, ou editor do filme (lembrando que essa atividade normalmente é acompanhada de perto pelo diretor). (PUCCINI, 2007, p. 22).

Bill Nichols (2005, p.135) elenca seis modos de representação que podem existir no gênero documentário, são eles: Expositivo, poético, participativo, conservativo, reflexivo e performático.

No nosso filme, a primeira ideia era fazer um documentário do tipo participativo, mas, quando estávamos conferindo as cenas gravadas com a professora orientadora, observamos que as nossas escolhas estéticas estavam mais ligadas ao documentário expositivo, uma vez que:

Os documentários expositivos dependem muito de uma lógica informativa transmitida verbalmente. Numa inversão da ênfase tradicional do cinema, as imagens desempenham papel secundário. Elas ilustram, esclarecem, evocam ou contrapõem o que é dito. O comentário é geralmente apresentado como distinto das imagens do mundo histórico que o acompanham. Ele serve para organizar nossa atenção e enfatiza alguns dos muitos significados e interpretações de um fotograma. Portanto, presume-se que o comentário seja de ordem superior a das imagens que o acompanham. Ele provém de um lugar ignorado, mas associado a objetividade ou onisciência. (NICHOLS, 2005, p. 143).

Nas cenas, colocamos os depoimentos a fim de falar sobre o feminicídio de uma forma didática, expositiva, ou seja, numa proposta que se aproxima à linguagem dos telejornais, como é recorrente nos documentários expositivos.

Equipamentos utilizados nas gravações do documentário:

- celular iphone 12
- celular iphone 6
- microfone lapela HSX-M13
- estabilizador suporte gaiola para celular
- celular samsung A20 (captação de áudio do lapela)

Nas entrevistas foram utilizados os seguintes planos

- primeiro plano
- plano big-close
- meio primeiro plano

-plano geral

Observação: As imagens foram gravadas em um plano aberto mais conhecido como plano geral, mas na hora da edição viu-se a necessidade de usar o primeiro plano, meio primeiro plano e o big close para mostrar as emoções dos entrevistados.

Na edição foi utilizado o programa Cap Cut, para cortes de imagem e transições: o Adobe Express serviu para alterar as dimensões dos vídeos. Já para o tratamento de áudio fizemos uso do Speech Enhancement, da Adobe Podcast. Para criação de artes usamos o aplicativo Canva. Em alguns vídeos, como o de Raphaela Ramalho, foi utilizado o Audio Extractor para extrair o áudio e tratá-lo. Para equalização do áudio, fizemos uso do The levelator

Dias de edição

17 e 18 de abril de 2023.

28 de abril de 2023.

3 PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO

Em 2021, cursamos Jornalismo de Dados, conteúdo ministrado pela professora Adriana Alves, e, durante as suas aulas, nos foi solicitado o projeto de um site. À época, criamos uma página com a temática "Violência contra a mulher".

E em 2022, durante uma conversa com a professora Cássia Lobão, decidimos ir além dos números do feminicídio, buscar familiares das vítimas desse tipo de crime, uma tarefa que se mostrou bastante desafiadora, uma vez que mexe com os traumas e as feridas dessas famílias.

Em outubro de 2022, tivemos a primeira reunião com nossa orientadora Cássia Lobão, onde a equipe debateu sobre ideias e propostas para a concretização da ideia. Conversamos sobre planejamento e a execução e o rumo que deveríamos tomar em relação à produção do documentário. A professora mostrou documentários de outros realizadores para servirem de referência e aumentar nosso repertório sobre o tema. Então, com essas orientações preliminares, começamos o trabalho.

No dia primeiro de dezembro de 2022, combinamos mais uma reunião com a orientadora Cássia, para mostrar como estava o andamento do roteiro para o documentário audiovisual. Devido a alguns assuntos pessoais, o aluno Gabriel Queiroz, acabou deixando o grupo e se empenhou na produção de outro documentário, com uma outra temática.

Foi necessário realizar uma viagem no dia 29 de março de 2023, para João Pessoa, onde iríamos entrevistar Josué Neto, o irmão de Pryscilla Mendonça, vítima de feminicídio. Tivemos que entrevistá-lo em seu local de trabalho, pois ele é um personal de academia, e não iria ter como ir para casa devido a correria da vida diária. Então, para realizar a entrevista, nos deslocamos até o seu local de trabalho, e Josué Neto reservou quinze minutos de seu horário de almoço para conceder a entrevista. Josué informou que a entrevista não poderia ser na casa dele pois sua mãe, ainda bastante abalada com o crime, prefere evitar o assunto da morte de Pryscilla. A entrevista poderia inclusive lhe provocar uma crise de hipertensão. Durante a gravação da entrevista utilizamos um dispositivo móvel, para captar a imagem, e um microfone de lapela para captar o áudio.

Figura 1: Josué Neto, irmão de Priscilla Mendonça



Foto: Milena Siqueira

Após alguns dias, conseguimos o consentimento de Isânia Monteiro, uma especialista no assunto de feminicídio e violência contra mulher, para nos dar uma entrevista. No dia 13 de abril de 2023, fomos até o Centro Estadual de Referência da Mulher Fátima Lopes e entrevistamos Isânia Monteiro, coordenadora da instituição. Ao final da entrevista descobrimos que não poderíamos utilizar a gravação sem ter solicitado formalmente, mediante um ofício, pedindo a autorização de imagem e mostrando para qual seria finalidade da entrevista.

Porém acabamos por deixar passar essa entrevista e a solicitação, pois quando o fomos fazer a edição, vimos que o áudio havia ficado ruim, então focamos em entrevistar a Doutora Karine Vasconcelos, e, caso precisasse, retornaríamos ao Centro Estadual de Referência da Mulher Fátima Lopes para novamente gravar com Isânia.

Em 15 de abril de 2023, marcamos com Dona Maria Sena, tia de Michele Veloso, outra vítima de feminicídio. A entrevista aconteceu em sua casa, localizada no sítio Capoeiras na cidade de Queimadas, um lugar que traz a referência de toda a dor da perda que Maria Sena e seus familiares sentem: no terreno da casa foi construído até um pequeno memorial em homenagem a Michele. A edição foi bem trabalhosa, pois como foi feita em um sítio, havia muitos sons do ambiente, como por exemplo, sons de pássaros. Foi necessário muito empenho no processo de pós-produção para limpar bastante os ruídos do ambiente, para conseguir a nitidez e a sincronia com a imagem da entrevistada.

Figura 2: Maria Sena, tia de Michele Veloso



Foto: João Cardoso

A assessora da CPI de feminicídio, Raphaela Ramalho, nos concedeu um depoimento. Devido a localização que ela se encontra, não foi possível a realização da entrevista de forma presencial, mas ela mesma em sua casa gravou em vídeos respondendo às perguntas que havíamos encaminhado para ela. E no dia 20 de abril de 2023, entrevistamos a delegada Karine Vasconcelos. A delegada acabou fugindo um pouco da temática, enfatizou de forma mais ampla a questão da violência doméstica, sem se deter mais especificamente a uma das possíveis consequências dessa violência, o feminicídio. Foi necessária uma edição bastante criteriosa para que a questão mais específica do feminicídio ficasse bem evidente.

Figura 3: Delegada, Karine Vasconcelos



Foto: João Cardoso

Com o primeiro corte do documentário, tivemos uma reunião com a nossa orientadora no dia 27 de abril de 2023. Nos foi sugerido trazer outras imagens para o *off* que menciona a Lei do Feminicídio, e nos foi mostrada a possibilidade de novos cortes, para dar mais ritmo à narrativa.

E após todas as alterações e sugestões, conseguimos harmonizar mais o documentário. As alterações foram feitas e marcamos uma nova reunião na quinta dia 4 de maio de 2023, para mostrar o documentário pronto e receber as últimas orientações e sugestões da professora.

Figura 4: Reunião de orientação com a professora Cássia



Foto: Milena Siqueira

A professora nos encaminhou também para o laboratório, para que pudéssemos conversar com Renato Hennys, e inserir a logomarca institucional da UEPB na abertura do nosso documentário. Tivemos, portanto, uma reunião no laboratório do Decom acerca destes ajustes finais em nossa produção audiovisual.

Figura 5: Últimos ajustes no relatório

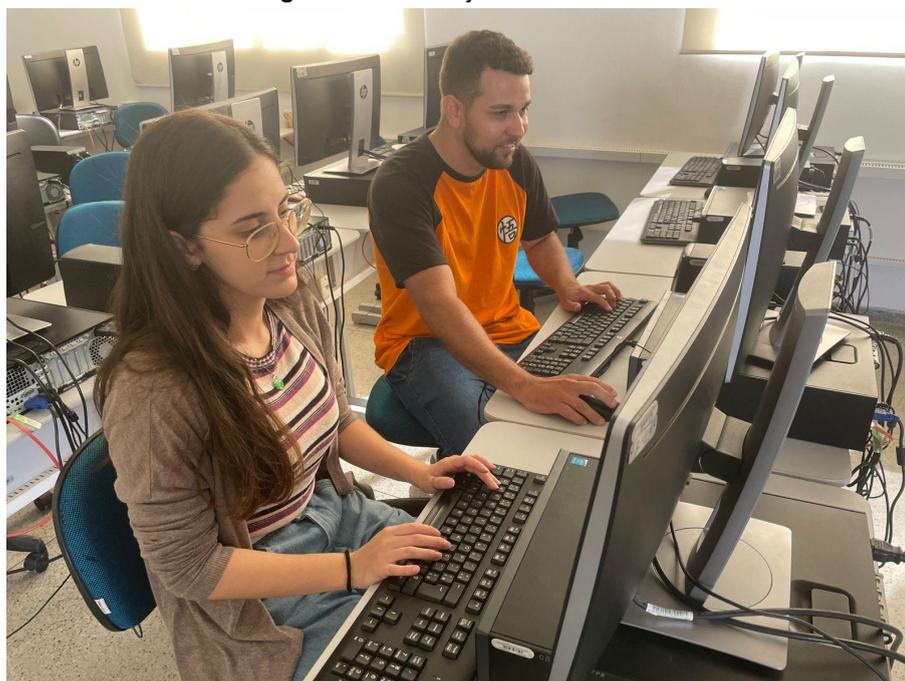


Foto: Técnico da UEPB

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após desenvolver o produto midiático, “NÃO SÃO APENAS NÚMEROS”, pudemos perceber como o crime tipificado como feminicídio persiste na sociedade brasileira, e, mais especificamente, no contexto paraibano. Outro fator importante é que, com a desigualdade de gênero e a vulnerabilidade das mulheres ante as mortes violentas, muitos casos se tornam fatos banalizados pelo sistema de segurança paraibano. Os casos presentes no nosso filme exemplificam essa banalização, injustiça e impunidade.

Pretendemos que, com a nossa produção midiática, mais pessoas conheçam a história de Pryscilla e Michele, mulheres que tiveram suas vidas ceifadas pelo crime de feminicídio. É sabendo de histórias como a delas que as mulheres poderão ficar em alerta e assim evitar o possível crime de feminicídio em um relacionamento abusivo.

Além disso, o nosso trabalho divulgou para a população o estudo que foi feito pela comissão parlamentar de inquérito do feminicídio da Paraíba. A CPI trouxe à sociedade um relatório muito importante acerca desse crime hediondo. Nossa expectativa é que o nosso produto midiático seja exibido em festivais de cinema com o intuito de ampliar o debate sobre o machismo estrutural que ainda banaliza as mortes dessas mulheres.

Também vale salientar que, após quatro anos de curso, saímos da UEPB com a sensação de uma oportuna fase de aprendizado acerca da importância da informação sob várias perspectivas. Reiteramos, então, nossa gratidão por todas as vivências acadêmicas necessárias à nossa formação de jornalistas.

5 REFERÊNCIAS

FERREIRA, Aline Rodrigues. **Infográficos**: análise e indexação de imagens pictóricas sob a perspectiva da linguística documentária e da Semiótica, no campo da Organização do Conhecimento, p. 11-61, 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11422/2606>>. Acesso em: 9 maio. 2023.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**/Bill Nichols; tradução Mônica Saddy Martins. – Campinas, SP: Padonus, 2005. – (Coleção Campo Imagético)

MELO, Cristina Teixeira Vieira de. O documentário como gênero audiovisual, **Comunicação & Informação**, v.5, n.1/2, p.25-40, jan dez. 2002. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/ci/article/view/24168>>. Acesso em: 9 maio. 2023.

OLIVEIRA, Helma Janielle Souza de. **O crime de feminicídio e a percepção dos agentes da justiça**: uma análise sociológica a partir dos Tribunais do júri de João Pessoa, Paraíba, p.14-315, 2019. Tese (Doutorado em Sociologia)- Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/18880>>. Acesso em: 9 maio. 2023.

SOARES, Sérgio José Puccini. Documentário e roteiro de cinema: da pré-produção à pós-produção, p.3-250, 2007. Tese (Doutorado em Multimeios)- Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2007, Disponível em:<<https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2007.423622>>. Acesso em: 9 maio. 2023.

LOUREIRO, Ythalo Frota. Conceito e natureza jurídica do feminicídio. **Revista Acadêmica Escola Superior do Ministério Público do Ceará**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 185–210, 2017. DOI: 10.54275/raimpce.v9i1.9. Disponível em: <<https://revistaacademica.mpce.mp.br/revista/article/view/9>>. Acesso em: 9 maio. 2023.

ANEXOS

ROTEIRO**DOCUMENTÁRIO - Não são apenas números!**

Roteiro de João Cardoso e Milena Siqueira-- versão de 01/05/2023

Produção: João Cardoso e Milena Siqueira

Duração:10 min 32s

A proposta fílmica é dar visibilidade ao tema do feminicídio, através de dois casos que ocorreram nas cidades de João Pessoa e Queimadas.

CENA 1 - BRICOLAGEM: Áudios da Polícia Militar de Santa Catarina com recortes de notícias dos telejornais paraibanos.

CENA 2 - Off sobre a lei 13.104/15 - Entra a voz de Milena explicando a lei do feminicídio. Enquanto Milena fala vai aparecendo imagens da lei e da solenidade da sanção que foi realizada no palácio do planalto.

CENA 3 - INT/DIA / ENTREVISTA- Em primeiro plano, entra o depoimento de Raphaela Ramalho, assessora da CPI do feminicídio na PB. No Interior da sua sala, ela fala dos familiares que sofrem com a perda de seus entes queridos.

CENA 4- INT/ DIA/ ENTREVISTA - Em um plano big-Close, entra o depoimento de Josué Neto, Irmão de Pryscilla Mendonça, que foi vítima de feminicídio. No depoimento, ele falou que sua família sentiu muito a perda de Pryscilla, tendo até que fechar a empresa e seu pai teve depressão.

CENA 5- INT/ DIA/ ENTREVISTA - Em meio primeiro plano, na sala de sua casa, entra o depoimento de Maria Sena, relatando a saudade

que sente de sua sobrinha Michele Veloso, que foi vítima de feminicídio. Em sua fala, ela diz que sua família ficou bastante abalada.

CENA 6- INT/ DIA/ ENTREVISTA - Em primeiro plano, entra Raphaela Ramalho falando de seu trabalho na CPI do feminicídio. Logo após aparece uma arte com o nome de Pryscilla Mendonça.

CENA 7 - INT/ DIA/ ENTREVISTA - Em primeiro plano, entra o depoimento de Josué Mendonça, relatando o dia do crime que tirou a vida de sua irmã. Logo após entra uma arte com o nome de Michele Veloso.

CENA 8- INT/ DIA/ ENTREVISTA: Em meio primeiro plano, na sala de sua casa, Maria Sena relata como foi o dia do assassinato de sua sobrinha.

CENA 9- INT/ DIA/ ENTREVISTA: Em primeiro plano, entra o depoimento de Josué Mendonça, justificando que sua irmã não tinha depressão e nunca ia tirar a própria vida. Durante a fala vai aparecendo a foto de Pryscilla.

CENA 10- INT/ DIA/ ENTREVISTA: Em primeiro plano, entra o depoimento de Maria Sena, relatando que na hora do assassinato tentou socorrer sua sobrinha.

CENA 11- INT/ DIA/ ENTREVISTA: - Em um plano big-Close, entra o depoimento de Josué Neto, dizendo que o assassino de sua irmã está solto e recebendo o dinheiro dela.O entrevistado demonstra um sentimento de revolta.

CENA 12 -INT/ DIA/ ENTREVISTA:- Em primeiro plano, entra o depoimento de Maria Sena, falando como foi os últimos suspiros de

sua sobrinha. Ela falou que tentou socorrê-la chamando o Samu, só que não adiantava mais.

CENA 13- -INT/ DIA/ ENTREVISTA: - Em um plano big-Close, entra o depoimento de Josué Neto, fala que Pryscilla cuidava dele e de sua prima. Durante a fala vai aparecendo a foto de sua irmã. Ele ainda afirmou que ela era protetora com a família

CENA 15--INT/ DIA/ ENTREVISTA: - Em um plano big-Close, entra o depoimento de Maria Sena relatando que enquanto a mãe de Michele trabalhava, ela cuidava dela. Durante a fala vai aparecendo a foto da vítima.

CENA 16-INT/ DIA/ ENTREVISTA: - Com fotos da CPI do feminicídio e em primeiro plano, entra o depoimento de Raphaela Ramalho, relatando o período difícil da instalação da CPI que ocorreu durante a pandemia.

CENA 18- INT/ DIA/ ENTREVISTA: Em um plano geral, e em meio primeiro plano, entra a fala da delegada Karine Vasconcelos, explicando como foi a mudança com a chegada da lei do feminicídio.

CENA 19- INT/ DIA/ ENTREVISTA: Em primeiro plano, entra o depoimento de Raphaela Ramalho, falando do papel da polícia na CPI.

CENA 20-INT/ DIA/ ENTREVISTA: - Em primeiro plano Raphaela relata que muitos autores não compreendem o que é o feminicídio. Ela fala do relatório e vai aparecendo imagens da CPI. Ela também aborda que é necessário educar para construção de uma nova sociedade.

ENTRA CRÉDITOS

FIM

***** (c) João Cardoso e

Milena Siqueira, 2023/

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, SOM DE VOZ E NOME.

Eu, _____
 _____, nacionalidade _____, estado civil _____,
 portador da Cédula de identidade RG nº. _____, inscrito no
 CPF/MF sob nº _____, residente à Av./Rua
 _____, nº. _____, município de
 _____/Paraíba. Autorizo o uso de minha
 imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e
 documentos, para ser utilizada no **Trabalho de pesquisa**, intitulado "**Não são
 apenas números**", dos pesquisadores João Cardoso e Milena Siqueira. A
 presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem
 acima mencionada em todo território nacional, das seguintes formas: (I) home
 page; (II) mídia eletrônica (vídeo-tapes, televisão, cinema, entre outros).

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a
 cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto
 qualquer tipo de remuneração. Por esta ser a expressão da minha vontade
 declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a
 título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a
 presente autorização em 01 via de igual teor e forma.

_____, dia ____ de _____ de _____.

(Assinatura)

Nome:

Telefone p/ contato: